



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIII
Pedagogia - Docência e Gestão de Processos Educativos

ILARIANNA DOS SANTOS MEDEIROS

"VOU MOSTRANDO COMO SOU E VOU SENDO COMO POSSO..."

Memórias da extensão universitária na formação acadêmica

Itaberaba - BA

2021

ILARIANNA DOS SANTOS MEDEIROS

"VOU MOSTRANDO COMO SOU E VOU SENDO COMO POSSO..."

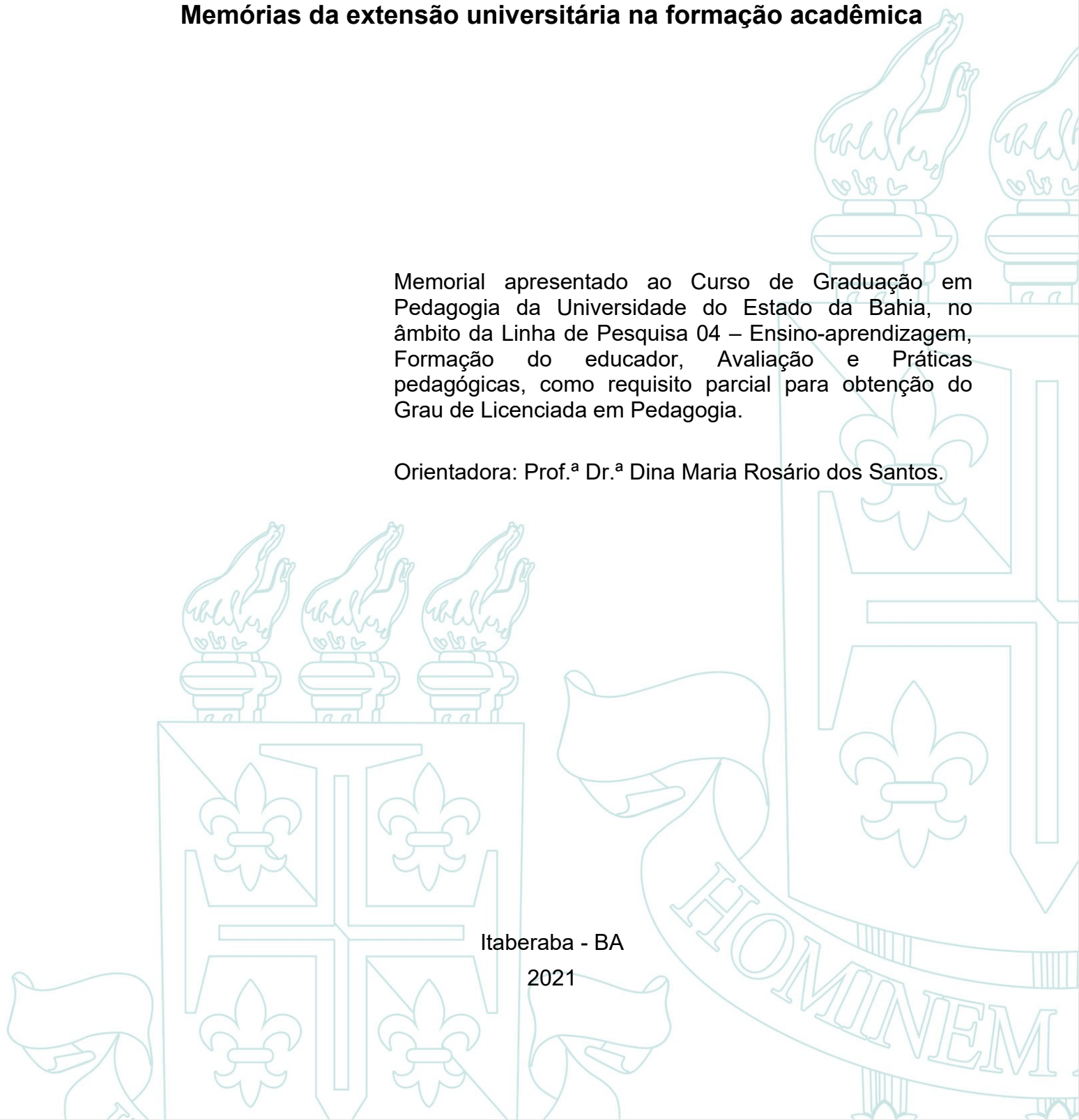
Memórias da extensão universitária na formação acadêmica

Memorial apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, no âmbito da Linha de Pesquisa 04 – Ensino-aprendizagem, Formação do educador, Avaliação e Práticas pedagógicas, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Dina Maria Rosário dos Santos.

Itaberaba - BA

2021




ILARIANNA DOS SANTOS MEDEIROS

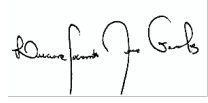
"VOU MOSTRANDO COMO SOU E VOU SENDO COMO POSSO..."

Memórias da extensão universitária na formação acadêmica

Monografia submetida à Banca Examinadora, como requisito parcial para conclusão da Graduação em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dra. Dina Maria Rosário dos Santos
Universidade do Estado da Bahia – UNEB


Prof. Dra. Luciana Sacramento Moreno
Universidade do Estado da Bahia – UNEB


Prof. Me. Aíssa Cavalcante Lisboa
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Aprovada em 14 / 07/ 2021

TERMO DE APROVAÇÃO

"VOU MOSTRANDO COMO SOU E VOU SENDO COMO POSSO..." Memórias da extensão universitária na formação acadêmica

por

ILARIANNA DOS SANTOS MEDEIROS

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado(a) em **14 de julho de 2021** como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado(a) em Pedagogia – Docência e Gestão de Processos Educativos. O(a) estudante foi arguido(a) pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **aprovado/não aprovado** e a ele atribuíram a nota **9,00 (nove pontos)**.


Prof. Dra. Dina Maria Rosário dos Santos

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Prof.(a) Orientador(a)

Prof. Dra. Luciana Sacramento Moreno

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Membro da Banca

Prof. Me. Aíssa Cavalcante Lisboa

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Membro da Banca

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me proporcionar perseverança durante toda a minha vida.

À UNEB Campus XIII, este espaço no qual me senti abraçada, acolhida e nunca sozinha. Daqui saio com muitas marcas e com enorme orgulho de poder escrever em meu currículo o nome dessa honrosa instituição.

A todos os mestres que contribuíram com a minha formação acadêmica e profissional durante toda minha trajetória escolar, aos formadores das oficinas, aos coordenadores e monitores dos cursos de extensão. Estou lapidada com todo conhecimento que cada um de vocês agregou, enquanto pedagoga e pessoa.

E, em especial, à minha orientadora, Dina Maria, por não ter soltado minha mão mesmo quando sabia que minhas escolhas me auto sabotavam. Obrigada por não me julgar, apenas me entender sempre buscando me direcionar da melhor forma possível na vida acadêmica e fora dela. Ganhei não apenas uma orientadora, mas uma amiga que levarei pra vida. Por você, minha querida, tenho grande admiração e uma eterna gratidão por sua dedicação e paciência durante a saga desse TCC que se rastejou por cinco matrículas. Seus conhecimentos fizeram grande diferença no resultado final deste trabalho.

À família e, em especial, minha Vó Celina, meu exemplo de mulher, mãe e pessoa. Grata, Vó, a Deus por me permitir a oportunidade de ser sua neta e filha. Mainha, me sinto honrada por ter sido direcionada durante toda minha vida pela senhora, obrigada por toda dedicação e amor. Atravessamos tempos difíceis, sobrevivemos à pobreza e por fim chegamos até aqui juntas, minha vitória é sua também, a mulher que me tornei tem muito de você. Obrigada por me tornar tão forte e resiliente.

Agradeço também ao pai do meu filho Heitor que, acima de tudo, é um grande amigo sempre presente nos momentos difíceis. Agradeço as suas palavras de incentivo. E a você, meu filho Heitor, que mesmo tão pequeno me deu uma força gigantesca e muita vontade de vencer! Esse TCC existe por nós e para nós!

Por último, mas não menos importante, a todas as pessoas que não mencionei, Eu quero deixar bem claro que não estão esquecidas. A cada um que de algum modo me tocou pode ter certeza que eu o agradeço com toda intensidade.



*Somos o lugar onde nos fizemos, somos
as pessoas com quem convivemos.
Somos a História de que participamos. A
memória coletiva que carregamos.
(ARROYO, 2011, p.14).*

MEDEIROS, Ilarianna dos Santos. **“Vou mostrando do que sou e vou sendo o que posso...”: Memórias da extensão universitária na formação acadêmica.** 2021. 40 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado da Bahia. Itaberaba, 2021.

RESUMO

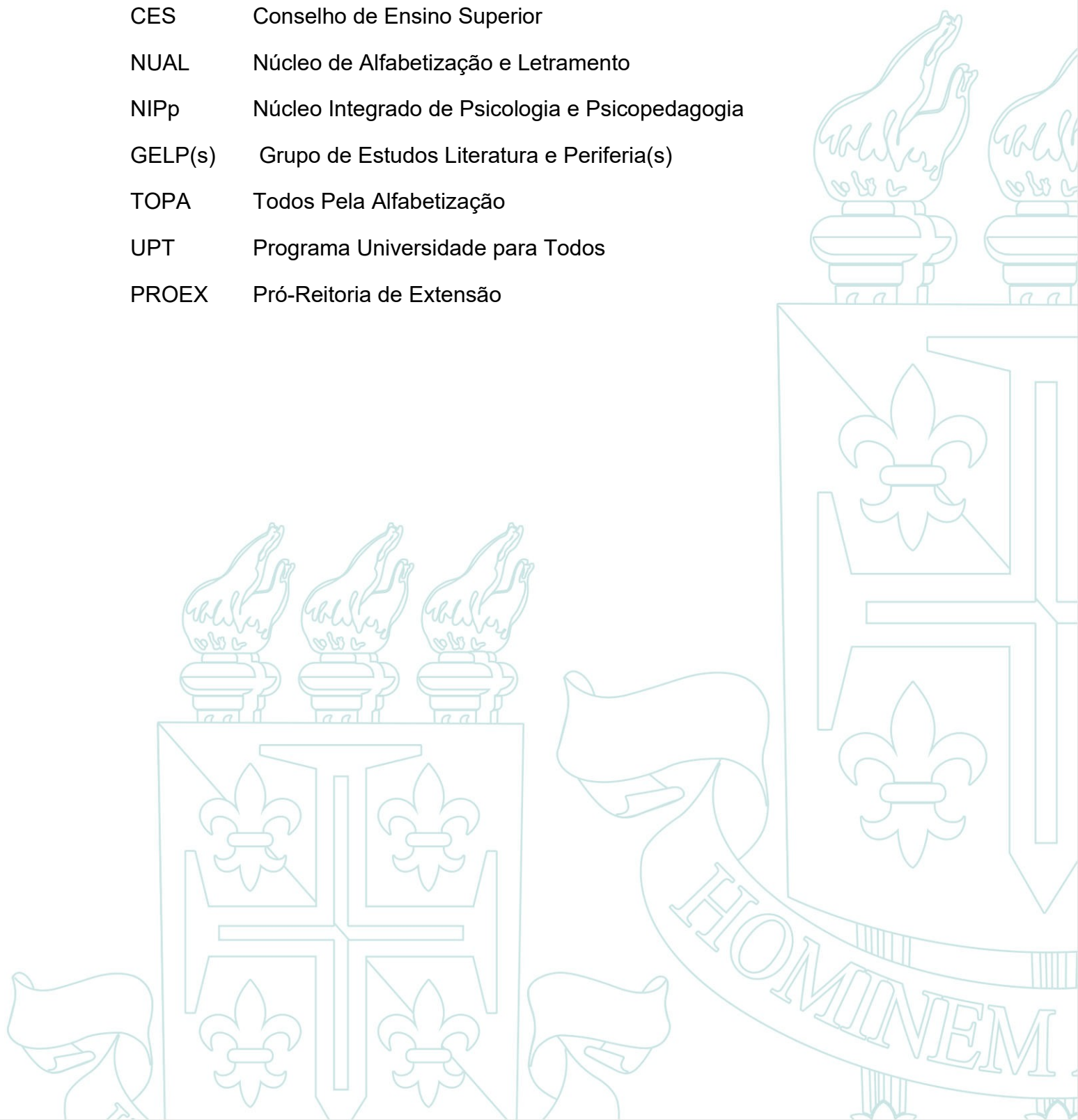
O presente trabalho trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação em Pedagogia, ofertada no Departamento de Educação do Campus XIII, município de Itaberaba/BA, da Universidade do Estado da Bahia. O TCC em questão foi construído na forma de um memorial cujo tema central é a presença da extensão universitária na formação acadêmica. “Vou mostrando do que sou e vou sendo o que posso...”, portanto, é o exercício autorreflexão da experiência estudantil universitária da autora apresentado na forma de um documento, descritivo e analítico. A escrita de si que compõe tal trabalho está embasada nas memórias da autora, de 2014 ao presente momento, e lucubra a respeito de tessituras de si por meio dos atravessamentos de experiências no ensino superior. O memorial está organizado em torno de três estrofes da música Mistério do planeta, de Luiz Galvão e Moraes Moreira, que também dá título ao trabalho, a saber: a) “Jogando meu corpo no mundo... Andando por todos os cantos”, que trata da trajetória formativa; b) “E pela lei natural dos encontros... Eu deixo e recebo um tanto”, que aborda os aprendizados; e c) “E passo aos olhos nus... Ou vestidos de lunetas... Passado, presente... Participo sendo o mistério do planeta”, que apresenta as considerações finais. A extensão universitária insere a narradora em temas e práticas que ampliam a sua formação proporcionando a construção de saberes socioacadêmicos.

Palavras-chave: Memorial de Formação. Extensão Universitária. Trajetória acadêmica.



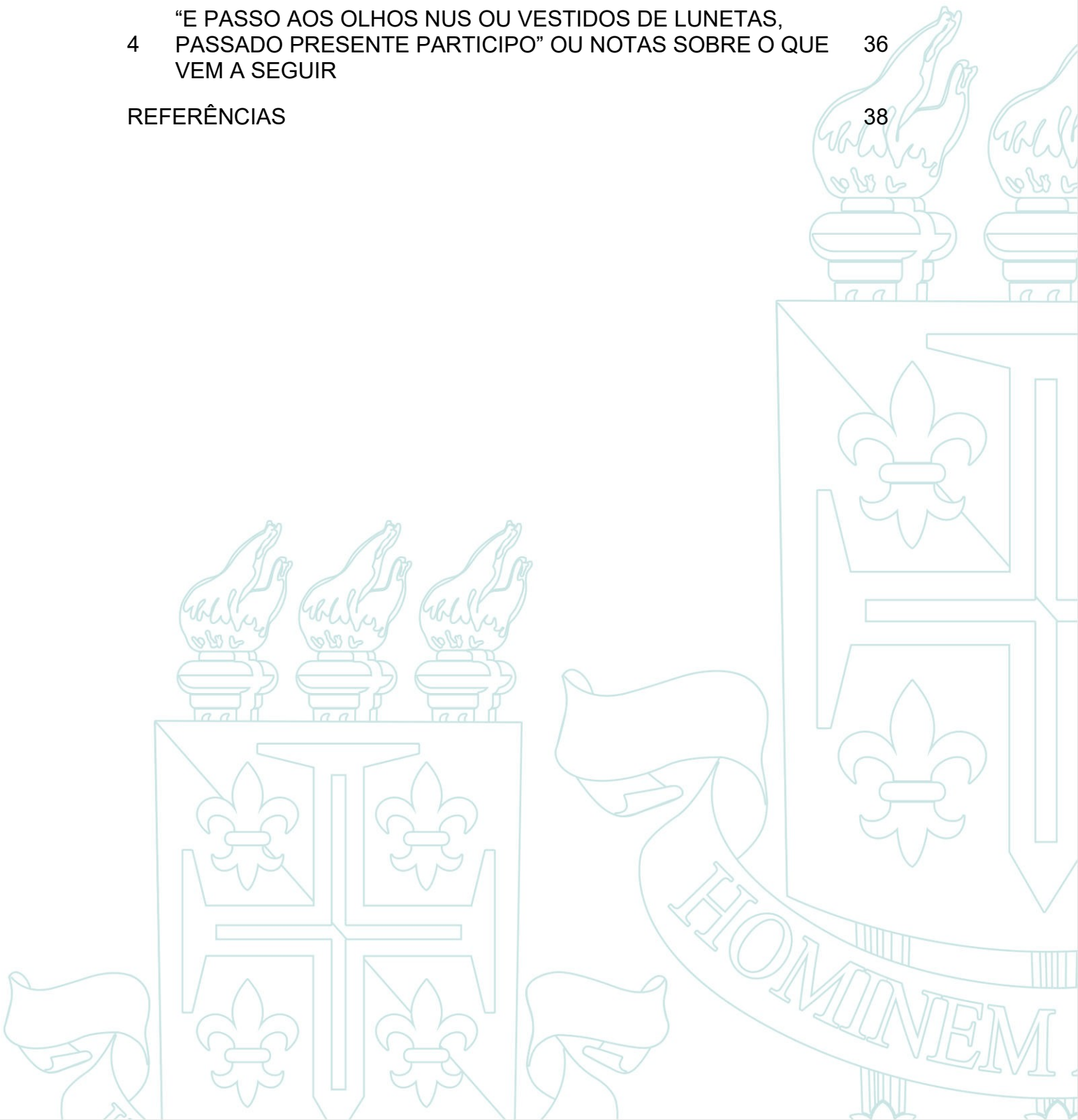
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNEB	Universidade do Estado da Bahia
DEDC	Departamento de Educação
MEC	Ministério da Educação
CNE	Conselho Nacional de Educação
CES	Conselho de Ensino Superior
NUAL	Núcleo de Alfabetização e Letramento
NIPp	Núcleo Integrado de Psicologia e Psicopedagogia
GELP(s)	Grupo de Estudos Literatura e Periferia(s)
TOPA	Todos Pela Alfabetização
UPT	Programa Universidade para Todos
PROEX	Pró-Reitoria de Extensão



SUMÁRIO

1	“VOU MOSTRANDO DO QUE SOU E VOU SENDO...”	09
2	“JOGANDO MEU CORPO NO MUNDO, ANDANDO POR TODOS OS CANTOS” OU NOTAS SOBRE A TRAJETÓRIA ACADÊMICA	12
3	“E PELA LEI NATURAL DOS ENCONTROS EU DEIXO E RECEBO UM TANTO” OU SOBRE SABENÇAS	28
4	“E PASSO AOS OLHOS NUS OU VESTIDOS DE LUNETAS, PASSADO PRESENTE PARTICIPO” OU NOTAS SOBRE O QUE VEM A SEGUIR	36
	REFERÊNCIAS	38



1 “VOU MOSTRANDO DO QUE SOU E VOU SENDO...”

Escrever um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) não é tarefa fácil.

Para além dos repetidos argumentos relativos à dificuldade da escrita acadêmica está o temor da autoria.

Convenhamos que a assunção da autoria de si, no/do texto, dos saberes, dos equívocos e das ignorâncias provoca calafrios que nem a mais difícil prova escrita de toda a graduação pôde gerar. O TCC gera medo porque nos revela e só agora, no 13º semestre da graduação, alcancei tal compreensão.

Produzir um TCC é entrar para as disputas de narrativas do jogo do poder, que eu julgava compreender, de peito aberto, com a cara limpa e portando apenas as próprias palavras.

Mas sei que não estou só. Estão comigo todas as mulheres, pobres, interioranas, mães solo, professoras, arrimo da família, estudantes-trabalhadoras de universidades públicas. Estou certa de que se olhar para trás, agora, há uma miríade de mulheres, como eu, gritando: Vai, Ilarianna, você consegue!!!!

Nós, eu e minhas ancestrais, temos conseguido e seguiremos conquistando ser quem somos, festejar o que somos, mostrando do que somos e sendo mais do que esperavam que fôssemos.

Se escrever um TCC com linguagem impessoal e tratando do alheio é exposição de si, das suas fragilidades e das suas potências, imagina escrever sobre si na primeira pessoa. Ainda me pergunto como deixei Dina, a orientadora, me convencer de que um memorial era uma boa opção para um TCC.

Confesso que concordo com a ideia de que nossas histórias precisam ser contadas por nós e que os frios números do Censo do Ensino Superior não permitem enxergar o Brasil profundo de onde venho e onde existo. Estou ciente, também, que recai sobre cada uma de nós, por tudo o que representamos, o papel de compartilhar nossa (r)existência para registrar na história nossas outras histórias. Entendo que os memoriais de formação são uma conquista política do registo e divulgação das histórias e sabenças de professoras.

E ainda me pergunto onde estava com a cabeça quando decidi que seria capaz de fazê-lo. E aqui estou mostrando do que sou e sendo como posso como ensinam Luiz Galvão e Moraes Moreira.

O título desse TCC é um trecho da música “Mistério do planeta”¹. Sabe aqueles momentos em que o rádio é apenas um som distante para o qual não damos atenção e de repente algo sobressai daquele burburinho e cresce emprenhando a cabeça pelos ouvidos? Foi assim que estrofes de “Mistério do planeta” se transformaram em título para o trabalho e para as seções deste Memorial de Trans(formação).

A compreensão de que seguir vida entre a solidão das escolhas e as responsabilidades do caminho faz de cada um único, que a música me recordou, serviu de esteio para a organização das reminiscências e reflexões que compõem os textos deste memorial.

Escolhi me pensar através de uma escolha relativamente consciente de me oportunizar experiências na extensão universitária como estratégia de autoria formacional e desobediência curricular.

Oficialmente, no Capítulo I, Artigo 3º da Resolução MEC/CNE/CES Nº 7, de 18 de dezembro de 2014, a Extensão na Educação Superior Brasileira é definida como:

[...] a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa. (BRASIL, 2014, p. 1)

E suas diretrizes no ensino superior, previstas no artigo 5º da resolução supracitada são:

I – a interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade por meio da troca de conhecimentos, da participação e do contato com as questões complexas contemporâneas presentes no contexto social;

1 A música composta por Luiz Galvão e Moraes Moreira está registrada na primeira faixa do lado B do álbum Acabou Chorare, do Grupo Novos Baianos, lançado no ano de 1972, pela gravadora Som Livre.

II – a formação cidadã dos estudantes, marcada e constituída pela vivência dos seus conhecimentos, que, de modo interprofissional e interdisciplinar, seja valorizada e integrada à matriz curricular;

III – a produção de mudanças na própria instituição superior e nos demais setores da sociedade, a partir da construção e aplicação de conhecimentos, bem como por outras atividades acadêmicas e sociais;

IV – a articulação entre ensino/extensão/pesquisa, ancorada em processo pedagógico único, interdisciplinar, político educacional, cultural, científico e tecnológico. (BRASIL, 2014, p. 2)

Oficialmente, a extensão na UNEB, de acordo com o disposto na página da sua Pró-Reitoria de Extensão

[...] reafirma o compromisso e a responsabilidade social com sua atuação junto a agentes sociais, entre eles profissionais de educação, com destaque para as classes excluídas historicamente e minoritárias, a exemplo dos assentados, acampados, indígenas, detentos, quilombolas, mulheres, crianças e adolescentes em situação de risco. As ações extensionistas que realiza alcançam a maioria das microrregiões do Estado da Bahia e têm como base o princípio da construção coletiva de saberes voltados para as demandas sociais emergentes. (PROEX/UNEB, 2012)

Eu entendo, porque a vivi, a extensão como o espaço aberto na universidade para ir além, para experimentar e viver a dimensão social de toda e qualquer formação profissão. É ali onde as práticas de gentitude - Salve Paulo Freire! – são afetuosamente gestadas, paridas e criadas. Foi ali onde me encontrei.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Licenciatura em Pedagogia pretendeu produzir um memorial por meio do qual foi possível construir e compartilhar os sentidos e as percepções de si e do mundo, em primeira pessoa, e foi construído em torno da narrativa (15 laudas) de uma estudante universitária, mulher, trabalhadora, com idade de 30 anos, oriunda de uma família nuclear formada por mim e minha avô materna, natural do município de Itaberaba - localizado no Território de Identidade do Piemonte do Paraguaçu/BA. A extensão universitária é tomada como centro da narrativa do memorial e, a partir das experiências ali vividas, as reflexões a respeito da formação são construídas.

As páginas a seguir são a sistematização desse exercício elucubrativo encharcado de vida.

2 “JOGANDO MEU CORPO NO MUNDO, ANDANDO POR TODOS OS CANTOS” OU NOTAS SOBRE A TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Sempre desconfiei que pobre não tem coragem, tem medo de que as coisas fiquem ainda piores. A gente se joga no mundo de peito aberto como quem nada teme. O dito popular define o que nos move: “Por cima do medo, coragem”. Coragem para mim é isso: reconhecer a dimensão e a complexidade do que se necessita enfrentar e, com o corpo trêmulo reagindo à memória da carne que nossas ancestrais nos presentearam, jogar o corpo no mundo.

Difícil não é enfrentar o desconhecido e as experiências do mundo... O que dá trabalho mesmo é remexer a memória futucando feridas e escarafunchando cicatrizes. A dor é a de perceber que nos custa muito conquistar tão pouco. Registrar essa dor faz com que a nossa escrita seja, quase sempre, vermelho sangue.

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo (EVARISTO, 2005, p. 202).

Conceição Evaristo me ensinou que a escrita é a senha pela qual ela acessa o mundo, já tenho a senha, agora vamos ao acesso.

Escrever, para mim, nunca foi fácil. Escrever sobre mim, então...

Dá um certo medo, medo de desatar o nó que fica na garganta. Rememorar minhas histórias, vivências, experiências de sucesso ou de fracasso, de acertos e de erros, dá frio na barriga.

Nóvoa (1995) ensina que o exercício de sistematizar as memórias traz à tona processos vividos antes encobertos que me ajudarão a produzir em mim a profissional reflexiva que desejo ser.

Acho que Evaristo e Nóvoa querem me fazer entender que parir a si pode ser doloroso, necessário e prazeroso. Sigo pelo prazer e pela necessidade. Sigamos...

Nasci em 07 de novembro de 1990, no município de Itaberaba-Ba, filha de Rita de Cassia dos Santos. Rita, mainha, é uma vendedora que estudou até a sétima série do Ensino Fundamental e Edgar Almeida Medeiros, meu pai, é um carpinteiro que estudou até a quarta série do Ensino Fundamental.

Tenho 04 irmãos, filhos da minha mãe. Tenho mais de dez, não sou capaz de precisar, irmãos filhos do meu pai.

Fui criada pela minha avó materna, Jucelina Maria dos Santos, que teve vários trabalhos informais como “gari”, “baiana do acarajé” e doméstica. Vó foi alfabetizada pelo programa Todos Pela Alfabetização (TOPA).

Com três anos, em 1994, ingressei na Creche Paraíso da Criança, da rede pública de ensino de Itaberaba. Dali fui para Pré I e II frequentando o Instituto Municipal de Educação Ministro Carlos Santana, que está localizado em frente à creche. Esse período da minha vida escolar não possui registro oficial.

O primeiro registro oficial de escolarização data do ano de 1998. Cursei a primeira e a segunda séries (1998 e 1999) devidamente registradas no Instituto Municipal de Educação Ministro Carlos Santana. De lá, fui transferida para a Escola Municipal Dr. Alberto Morais em 2000 e 2021 onde cursei a terceira e quarta séries do Ensino Fundamental.

Regressei para o Instituto Municipal de Educação Ministro Carlos Santana em 2002, onde cursei as séries finais do Ensino Fundamental, quinta a oitava séries, concluindo em 2005.

Frequentei o Colégio Estadual de Itaberaba, atualmente denominado Centro Territorial de Educação Profissional do Piemonte do Paraguaçu I, de 2006 a 2010. Lá Cursei o Ensino Médio Técnico frequentando o curso Normal. De lá saí com o Título de Professora da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental e com a primeira experiência de reprovação (ano de 2008).

Como toda menina pobre, trabalho desde os 13 anos, de maneira informal, atuando como atendente em lanchonete, telefonista, moto táxi, entre outras atividades que desenvolvi e que me permitiam contribuir financeiramente com a casa. Após a conclusão da Educação Básica e com o título de professora, a expectativa era de ter trabalho formal.

Fui contratada pelo Município para trabalhar na Rede Municipal de Ensino. Lá, atuei como auxiliar de classe na creche onde estudei, a Paraíso da Criança.

No ano de 2013, com 23 anos de idade, prestei vestibular para ingresso na licenciatura em Pedagogia ofertada no Campus XIII da Universidade do Estado da Bahia. Fui aprovada e comecei a estudar no ensino superior no primeiro semestre do ano de 2014.

Talvez, por ter sido criada apenas por minha avó, que na época era analfabeta, não tenha lembranças de conversas a respeito de planos de escolarização para mim. Recordo, claramente, da minha avó me incentivar a frequentar a escola sob o argumento de que estudar era importante para não ir parar “nas cozinhas dos outros”.

Minha avó tinha consciência das relações sócioeducacionais e econômicas que estabelecem as relações entre ocupação e escolarização.

Minha avó sabia que a escolarização garantiria, para mim, empregos distintos dos que ela, enquanto mulher analfabeta, poderia obter.

Vó sabia, por viver, o tipo de barreira que a pobreza e o analfabetismo, juntos, produzem.

Analfabeta que era, acredito que vó desconhecia o sistema de ensino oficial, seus níveis e modalidades. Vó via na educação a tábua de salvação e, sem maiores planejamentos, me queria na escola como estratégia para fugir da miséria.

Em casa, lembro do apoio para a realização das atividades escolares por parte das minhas tias e apenas durante as séries iniciais do ensino Fundamental. Posterior a isso, não tenho recordação de instrução direta ou orientação de qualquer tipo para a realização das tarefas. Guardo lembranças da dificuldade para realizar algumas atividades e de ser corrigida na escola pelos equívocos.

O magistério chegou na minha trajetória por intermédio da minha mãe. Segundo ela, ouviu dizer que frequentando o curso normal “a pessoa já saía com uma profissão do ensino médio”. Então minha vó me matricula com toda a praticidade que rege as escolhas nas famílias pobres.

Aos 20 anos havia concluído a Educação Básica, havia frequentado e concluído um curso profissionalizante. Tinha uma profissão oriunda de escolarização formal. Havia ido mais longe que qualquer das mulheres da minha família.

Minha vó estava orgulhosa, posto que nenhuma das filhas dela tinha chegado a este nível escolar. E, para ela, o fato de ter concluído o ensino médio já era o suficiente.

Para uma família com baixa escolarização e desconhecadora do sistema escolar, possuir uma profissão fruto de escolarização é uma conquista memorável.

Ainda que eu não compreendesse a dimensão ancestral do que havia conquistado, estava orgulhosa de mim e sabia que precisava transformar essa conquista em ganhos financeiros.

Foram necessários apenas dois anos trabalhando como auxiliar de classe na creche para que eu percebesse a necessidade de ingressar na universidade. Trabalhando, descobri que para crescer na carreira e mudar de auxiliar de classe para regente eu precisaria de um diploma de ensino superior.

Como sentia que o ensino médio não havia me preparado o suficiente para enfrentar o vestibular, procurei um meio para superar as minhas dificuldades e superar a prova do vestibular que, na época, era considerada como um bicho com sete cabeças.

Me matriculei no Programa Universidade para Todos (UPT), ofertado pela UNEB, que é um curso pré-vestibular gratuito para estudantes e egressos da rede pública estadual e municipal de educação. O participante recebe material didático e fardamento gratuito além de isenção da taxa de inscrição do processo seletivo para os cursos das universidades estaduais.

Eu trabalhava durante todo o dia e à noite frequentava o cursinho. Com ajuda do curso pré-vestibular obtive a aprovação em 4º lugar no curso de pedagogia e em 6º no curso de Ciências Contábeis, minha segunda opção no processo seletivo.

O UPT, com certeza, é um programa de inclusão social que mudou minha história como tem mudado a de muitos alunos, pois foi pela qualidade do curso que tive a oportunidade de ser aprovada no processo seletivo e ingressar na universidade pública e gratuita.

Na época eu sequer imaginava, mas já estava envolvida em ações de extensão universitária.

Em 2014, aos 23 anos, iniciei a vida acadêmica. Lembro-me bem que cheguei à Uneb cheia de medos e inseguranças. A Verdade é que eu não sabia o que esperar de uma graduação.

No início foi um tanto difícil. As atividades acadêmicas, as aulas, as formas das avaliações são bem diferentes do que estava eu acostumada no ensino médio e, aos poucos, fui aprendendo a dinâmica da graduação.

Durante o primeiro semestre comecei observar que, além das aulas em sala, ocorriam várias outras atividades na Universidade. Tomei conhecimento de que aconteceria o primeiro seminário de Ciências Contábeis com tema Pesquisas e Estudos. Pensei em participar só para ficar por dentro do que acontecia na Universidade. Foi nele, então, que percebi que a universidade ofertava, além das aulas regulares, atividades acadêmicas-científico-culturais e que eu poderia aprender muito com tudo que todos os cursos poderiam oferecer.

Havia descoberto a Extensão Universitária.

O medo que eu tinha da vida acadêmica foi substituído por um sentimento de encantamento e satisfação. Quanto mais eu aprendia com mais sede de aprendizado ficava. Apesar de sempre ser uma aluna trabalhadora que estudava à noite, sempre dava um jeito para participar de tudo o que a universidade ofertava, mesmo durante o dia.

Participava das atividades sem me preocupar com a certificação. Às vezes não buscava o certificado ou sequer preenchia as fichas de inscrição para obter a certificação. O que me movia era o desejo de saber. A extensão era um mundo desconhecido e eu desejava desbravar aquela vastidão de diversidade de saberes. Me jogava de peito aberto como quem nada teme.

Particpei de um tudo. Vou compartilhar aqui minhas experiências e impressões.

No período de 06 de abril a 06 de dezembro de 2015 participei como monitora do Núcleo de Alfabetização e Letramento (NUAL), Núcleo de Pesquisa e Extensão, do Departamento de Educação - Campus XIII da UNEB, que visa pesquisar o

processo de ensino-aprendizagem da língua escrita nas escolas do município de Itaberaba e cidades circunvizinhas, sob a coordenação da Professora Doutora Maria das Neves Enéas da Silva Santos, lotada no Colegiado de Pedagogia.

Tomei conhecimento do NUAL através do mural informativo de pedagogia. Havia um cartaz anunciando o processo de seleção para monitoria de extensão e o que mais me chamou atenção foi o nome: "Núcleo de Alfabetização e Letramento".

Lembro que, na época, havia seleção para outras monitorias, mas escolhi esta por se tratar de um tema que me interessava por conta de meu trabalho na rede de educação municipal de Itaberaba. Então me inscrevi e fiz o processo que consistia em duas etapas, uma avaliação escrita e outra de entrevista. Fui aprovada no processo de seleção.

Durante o período no qual atuei como monitora do NUAL, pude participar de diversas atividades. Lá comecei a entender o que é um núcleo universitário, o que é pesquisa e o que é extensão. Descobri também a existência de vários núcleos no Departamento.

Enquanto monitora do NUAL participei da construção da proposta de "Revisitação e ampliação da Pesquisa de Campo Psicogênese da Língua Escrita: Tradição e ruptura no ensino de alfabetização de crianças nas escolas de Itaberaba". A proposta gerou um grupo de pesquisa com o mesmo nome e com isso as atividades de inscrição e acompanhamento. Paralelo a isto, vivenciei a experiência do processo de cotação de camisas para o NUAL.

Há no campus XIII um Núcleo chamado Núcleo Integrado de Psicologia e Psicopedagogia, coordenado pela professora doutora Dina Maria Rosário, lotada no colegiado de Pedagogia. O NIPp e o NUAL realizam muitas atividades em parceria. Ser monitora em um me aproximou do outro.

Dentre outras atividades, o NIPp realizou o projeto Itaberanear que foi uma intervenção artístico-visual no campus. Um lindo projeto de apropriação sociopolítica dos espaços do Departamento onde confeccionamos, através de diversas oficinas, objetos de artes com o objetivo de criar uma identidade subjetiva ao espaço da Universidade. Me inscrevi como monitora voluntária.

Havia oficinas de artes (Papietagem, Panô, colagem com volume, alquimia circular). Essa foi uma das atividades que mais gostei de participar, deu muito trabalho, mas foi prazeroso, terapêutico e estimulante.

Neste período, eu vivia dentro da universidade, pela manhã eu trabalhava, mas no período da tarde, noite e alguns finais de semana (sábados e domingos) estava completamente entregue a esse projeto e a tudo que me propunha a fazer na universidade.

Enquanto realizamos as oficinas simultaneamente fazíamos o planejamento de ações de divulgação do NUAL na semana de pedagogia.

Durante a semana de pedagogia do ano de 2015 inauguramos o Itaberanear. Modéstia à parte, essa foi a semana de pedagogia mais linda que já vi em todo o percurso na UNEB, foi linda, as peças confeccionadas durante todas as oficinas estavam expostas, o Departamento estava lindo, me senti muito orgulhosa de ter feito parte de cada pedacinho desse projeto e deste evento.

As aprendizagens da monitoria com bolsa no NUAL e a monitoria voluntária no NIPp foram inúmeras.

Com o NUAL aprendi muito sobre processo de alfabetização e letramento escolar e enriqueci, sobremaneira, o meu trabalho como professora na prefeitura municipal. O NUAL me propiciou o acesso a leituras e discussões para aprofundar o entendimento técnico-científico sobre Alfabetização e Letramento, diferentes abordagens metodológicas para a prática docente, criticidade na análise dos limites e possibilidade dos distintos métodos de alfabetização. Enquanto professora alfabetizadora pude ampliar a compreensão a respeito do aprendizado da língua escrita e desinfantilizar o olhar sobre o aprendiz assumindo as idiossincrasias da criança, do jovem, do adulto e do idoso em processo de alfabetização.

Com o NIPp, para além das técnicas artísticas, aprendi principalmente como funciona um trabalho bem sucedido em equipe. Era tudo muito organizado e articulado. Cada qual fazia sua parte e um ajudava o outro ensinando o que sabia. Fazer parte dessas atividades aflorou em mim a valorização do trabalho em equipe e o sentimento de que com entrega e dedicação você é capaz de realizar qualquer coisa, inclusive adquirir habilidades que você nem imaginava ser capaz.

Fazer parte do Itaberanear foi como se eu estivesse retribuindo, de alguma forma, tudo que o Departamento havia me proporcionado, com todas as oportunidades e conhecimentos que pude adquirir. A intervenção artística me trouxe o sentimento de zelar por um espaço que me acolheu e se tornou minha segunda casa.

Quanto mais aprendia dentro deste espaço com mais sede de aprendizagem eu ficava. Trocando ideias com os colegas de sala fiquei sabendo que existiam grupos de estudos promovidos por professores das licenciaturas em História e Letras. Foi quando descobri o GELP(s) Grupo de Estudos de Literatura Periférica e o projeto Roda Palavra, ambos coordenados pela professora doutora Luciana Moreno, lotada no Colegiado de Letras.

Ainda em 2015, comecei a participar de ambos os grupos. O Roda Palavra é um grupo de estudos que tem como objetivo dialogar sobre literatura, contação de histórias e autores literários. É também um espaço onde compartilhávamos materiais de estudo, sugestões e ideias e promover eventos de contação de história.

Participei do grupo por um ano e durante esse tempo realizamos muitas coisas. Nossos encontros eram quinzenais - todas as quintas das 18 às 19 horas - e além das leituras e diálogos de textos literários participamos de muitas oficinas de contação de histórias. Aprendi muito nessas oficinas. Aprendi, principalmente, que contar história não é só ler o texto, na contação o corpo fala, o tom fala, os olhos falam.

Por meio do Roda Palavra tive a oportunidade de conhecer e participar de um projeto chamado Livro Viajante. A proposta se concretiza por meio de três histórias diferentes registradas em três livros gigantes produzidos artesanalmente. São histórias fantásticas que viajam, junto com livro - via correio, de carro, ônibus, barco ou empréstimos de mão em mão - através de redes de incentivo à leitura. Recebemos uma dessas histórias com a missão de levar o livro para viajar. O projeto é coordenado por Danielle Andrade, contadora e inventora de histórias desde 2006, e formada em teatro pela Faculdade de Artes do Paraná.

Com Danielle, aprendemos a contar suas histórias em oficinas e levamos para viajar Araguaci – O pássaro bonito ou a História de quando Curumim virou Ararapiranga, de Heyder Moura. Eu tive a honra de levar essa história pra viajar por

vários lugares como a feira de literatura do Colégio Modelo, a feira de literatura da Escola Municipal Professora Cora Ribeiro e a classe multisseriada na zona rural de Itaberaba. Fazer essa contação de história foi compartilhar com a comunidade todo conhecimento adquirido no Roda. Foi uma experiência ímpar.

Com o Roda Palavra não aprendi apenas técnicas de contação de histórias, aprendi a vivenciar momentos ímpares, olhares atentos e encantados e levar o livro pra viajar na cabeça dos leitores. Com o Roda aprendi a me encantar e encantar através da literatura.

Hoje, todas as vezes nas quais estou em sala de aula, me preparando para fazer a leitura de qualquer história para minha turma sinto o Roda enraizado em mim. Leio com, em roda, com o Roda, dando vida às palavras e personagens dos contos, poemas e crônicas. Com o Roda as histórias vivem em mim e transbordam vida na leitura.

Ainda no mesmo ano, paralelo à minha participação no Roda Palavra, participei do Grupo de Estudos Literatura e Periferia(s) – GELP(s), também coordenado pela Profa. Dra. Luciana Moreno. O grupo pesquisa a produção literária brasileira contemporânea, especialmente aquela forjada nas margens sociais. Seu objetivo é contemplar as diversas vozes dos espaços periféricos, incluindo-as ao âmbito dos estudos de textos literários produzidos por mulheres e homens, oriundos das diversas periferias brasileiras.

Os participantes do grupo de pesquisa elegem dois expoentes da escrita periférica, leem as obras dos autores elencados e as discutem pelo viés da análise literária. Durante minha permanência no grupo elegemos o escritor Marcelino Freire e a escritora Cidinha da Silva. Tais autores foram amplamente estudados pelo GELP(s). Os resultados das pesquisas tornaram-se artigos da revista anual do grupo, foram apresentados em eventos acadêmicos e também nas escolas de educação básica em forma de palestras, comunicações e oficinas. No primeiro semestre recebemos a visita de Marcelino e no segundo a de Cidinha da Silva.

Marcelino Freire se reuniu com os pesquisadores do GELP(s) e realizou uma oficina de escrita criativa e produção literária no Departamento de Educação - Campus XIII da Uneb.

No segundo semestre, o GELP(s) discutiu a obra da escritora mineira Cidinha da Silva, autora de mais de oito livros, a exemplo de “Nove pente d’África”, “Baú de Miudezas” e “Racismo no Brasil e afetos correlatos”. A escritora nos honrou com um bate papo no Departamento de Educação - Campus XIII da Uneb. Neste encontro, a autora falou sobre sua obra em consonância com os estudos propostos pelo grupo, respondendo também às perguntas do público.

Conhecer e discutir as obras de ambos autores me propiciou momentos de aprendizagens significativas e despertou diversos sentimentos, principalmente de tristeza. Pode parecer confuso o que vou afirmar, mas não me furto escrever que saber dói, aprender dói.

A partir dessas discussões do Gelps, somado a tudo o que fui aprendendo na graduação comecei olhar as situações cotidianas por outras perspectivas. Foi então que me dei conta que apenas atuando na escola eu estaria lutando por igualdade social; que o sistema escolar não é democrático; que aquela história de que a escola é o aparelho ideológico do estado é verdade e que se não atentarmos a prática docente dociliza os pobres perpetuando a sua exploração.

Entendi que eu estava sendo uma professora a serviço dos opressores e, portanto, promotora de mais desigualdade social.

Ao não questionar os códigos culturais hegemônicos e naturalizados no ambiente escolar enfatizamos as diferenças de capital cultural de forma tal que os estudantes oriundos das periferias das cidades e da zona rural são sistematicamente expulsos.

Os alunos, como eu fui, menos favorecidos cuja família não possui o capital cultural que lhes permita o acesso à literatura, teatro, música clássica, cinema, saraus, shows, viagens - facilmente acessíveis para os estudantes mais ricos – apresentam uma falsa dificuldade escolar que, em verdade, é de uma lado a evidência da inadequação teórico metodológica do ensino e do outro a evidência do sucesso da estratégia de fazer com que os pobres acreditem que eles não são capazes de se escolarizar.

Esse processo de desconstrução da ideia de escola e educação que eu tinha foi muito dolorido e sofrido. No entanto, afirmo que foi necessário colocar o dedo na

ferida e retirar o cascão que escondia as minhas experiências pessoais para que dali pudesse avaliar que tipo de educadora eu desejava me tornar.

E a angústia que o conhecimento começou a me causar, me atravessara alcançando relações afetivas e o olhar para a minha avó. Há um texto de Marcelino Freire que rasga a minha carne e ecoa em mim e em minhas ancestrales, ele se chama Totonha

Capim sabe ler? Escrever? Já viu cachorro letrado, científico? Já viu juízo de valor? Em quê? Não quero aprender, dispenso.

Deixa pra gente que é moço. Gente que tem ainda vontade de doutorar. De falar bonito. De salvar vida de pobre. O pobre só precisa ser pobre. E mais nada precisa. Deixa eu, aqui no meu canto. Na boca do fogão é que fico. Tô bem. Já viu fogo ir atrás de sílaba?

O governo me dê o dinheiro da feira. O dente o presidente. E o vale-doce e o vale-lingüiça. Quero ser bem ignorante. Aprender com o vento, ta me entendendo? Demente como um mosquito. Na bosta ali, da cabrita. Que ninguém respeita mais a bosta do que eu. A química.

Tem coisa mais bonita? A geografia do rio mesmo seco, mesmo esculhambado? O risco da poeira? O pó da água? Hein? O que eu vou fazer com essa cartilha? Número?

Só para o prefeito dizer que valeu a pena o esforço? Tem esforço mais esforço que o meu esforço? Todo dia, há tanto tempo, nesse esquecimento. Acordando com o sol. Tem melhor bê-á-bá? Assoletrar se a chuva vem? Se não vem?

Morrer, já sei. Comer, também. De vez em quando, ir atrás de preá, caruá. Roer osso de tatu. Adivinhar quando a coceira é só uma coceira, não uma doença. Tenha santa paciência!

Será que eu preciso mesmo garranchar meu nome? Desenhar só pra mocinha aí ficar contente? Dona professora, que valia tem o meu nome numa folha de papel, me diga honestamente? Coisa mais sem vida é um nome assim, sem gente. Quem está atrás do nome não conta?

No papel, sou menos ninguém do que aqui, no Vale do Jequitinhonha. Pelo menos aqui todo mundo me conhece. Grita, apelida. Vem me chamar de Totonha. Quase não mudo de roupa, quase não mudo de lugar. Sou sempre a mesma pessoa. Que voa.

Para mim, a melhor sabedoria é olhar na cara da pessoa. No focinho de quem for. Não tenho medo de linguagem superior. Deus que me ensinou. Só quero que me deixem sozinha. Eu e minha língua, sim, que só passarinho entende, entende?

Não preciso ler, moça. A mocinha que aprenda. O doutor. O presidente é que precisa saber o que assinou. Eu é que não vou baixar minha cabeça para escrever.

Ah, não vou. (FREIRE, 2005, p. 79-81)

Totonha me comove. Fui criada por uma totonha. Minha sábia vó Celina deixou suas marcas em mim mais do que eu sequer poderia imaginar, tampouco sonharia me dar conta delas, um dia. A vida embruteceu a minha avó e ela, Totonha Celina, viveu para trabalho de dar de comer, para o trabalho de criar filhas, para o trabalho de criar netos, para o trabalho... Não para si. Totonha Celina não teve oportunidades para estudar, para conhecer outros modos de viver. Totonha Celina e outras muitas outras totonhas espalhadas nesse Brasil profundo desistiram de desejar para si e decidiram desejar para os seus. Totonha Celina e outras muitas outras totonhas espalhadas nesse Brasil profundo se fizeram ponte para que os seus não conhecessem a lama.

Foi Vó Celina, sua garra e determinação, quem me fez resistir e estudar "pra não parar nas cozinhas dos outros". De onde eu venho, frequentar a escola não é tarefa simples e fácil. As condições de produção da escolarização na extrema pobreza fazem com que a materialidade da vida seja, com frequência, sufocante. As totonhas estão numa realidade na qual ir à escola é a garantia de uma das refeições do dia, quando não a do dia. Eu conheço, por haver vivido, o que é está em uma escola que te desconhece, que te ignora e te deseja fora dela.

O lugar da escola não é central quando se vive em uma comunidade onde as garotas que brincavam de boneca com você engravidaram antes mesmo de menstruar; onde os garotos que fizeram parte de sua infância estão mortos, presos ou viraram escravos das drogas. Resistir a ultrapassar os portões da escola e nela permanecer não é tarefa fácil.

Reconhecer o privilégio de ter uma totonha que desiste de si para você SER te rasga ao meio. Totonha Celina aprendeu a ler aos 50 anos e é feliz com as palavras. Vó Celina, agora, sempre está lendo e me lembrando constantemente que a escola salva vidas e que salvou a minha.

Sabe o que acho intrigante nisso tudo? Eu era incapaz de ver ou perceber tudo isso na minha história e foi a graduação, e vivências experienciadas nesses projetos, que ampliaram a minha visão de mundo. Hoje consigo construir um olhar multifacetado e me enxergar dentro e fora desse contexto. Hoje sou capaz de considerar as condições de produção da vida das minhas ancestras e dimensionar sua grandeza.

O ano de 2016 trouxe a grata experiência dos Estágios em espaços não formais², no âmbito do componente curricular Pesquisa e Estágio I. Foi por meio desse componente curricular que desconstruí a visão equivocada de que o espaço de atuação do pedagogo estaria restrito à escolarização formal. Admito que antes de conhecer o referido componente curricular não fazia ideia de sua abrangência e importância posto que a crença de que a pedagogia não poderia ultrapassar os muros da escola estava arraigada.

Escolhi desenvolver, durante o referido Estágio, um tema sugerido pelas professoras-orientadoras do componente curricular – Professora Doutora Maria das Neves Enéas da Silva Santos e Professora Doutora Izabel Dantas de Menezes.

Sob o título “Bodas de Prata do Campus XIII da UNEB: meu presente pra marcar seu futuro!”, o projeto objetivava ressaltar a importância da UNEB no município de Itaberaba em seus 25 anos e evidenciar aspectos da história do campus a partir de relatos orais, entrevista com funcionários e estudantes da instituição, pessoas da comunidade itaberabense.

As atividades que compuseram o projeto foram muitas, a exemplo de: confecção de um mural com o testemunho de pessoas vinculadas à instituição a respeito da importância da existência da UNEB para a formação pessoal e para a cidade; registro, edição e divulgação de vídeo comemorativo dos 25 anos do DEDC XIII com fala de funcionários e professores mais antigos parabenizando o Departamento pelas bodas de prata; criação, reprodução e distribuição de material informativo em formato de folder contendo a história do Campus; intervenção na semana do idoso com o grupo de sussurradores para participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade – UATI; registro, edição e divulgação de vídeo convite para leitura de obras da Biblioteca Departamental, protagonizado por professores da casa; intervenção voltada para a superação da pobreza menstrual por meio da instalação de caixas para absorventes íntimos nos banheiros femininos como incentivo à sororidade (“Pegue se precisar” “Quando puder deixe outro”).

Dentre as muitas atividades promovidas pelo projeto, a que mais me proporcionou prazer e significado foi gravar o registro dos depoimentos de pessoas que fazem e fizeram parte da história do Campus. Pude acessar memórias de

² Na obra *Pedagogia e pedagogos: pra quê?*, de Carlos Libâneo (2002), a educação não-formal é definida como o conjunto de atividades de caráter intencional realizadas e promovidas por organizações políticas, profissionais, científicas, culturais, agências formativas para grupos sociais.

profissionais da instituição e ratificar o seu orgulho e gratidão por fazer parte da história de vinte e cinco anos da UNEB no município.

Para além das concepções, práticas e técnicas que o componente curricular me apresentou como lastro para a superação das minhas limitações conceituais ficou marcado em mim a compreensão de que urge assumir todos os espaços de interação humana como espaços de aprendizagem e, portanto, *locus* de atuação do pedagogo.

Em 2017, eu cursava o sétimo semestre da graduação em pedagogia. Nos primeiros dois anos da graduação, eu me dediquei, literalmente, ao trabalho e à vida acadêmica. Foi um período no qual eu vivi intensamente a universidade. Tive altos e baixos em meio a muitos aprendizados. Passei por muitas dificuldades. Incluso houve momentos nos quais precisei escolher entre lanchar e adquirir cópia xérox de textos para estudar. No entanto, eu tinha um foco, objetivos e sabia exatamente o que queria. Fui aluna trabalhadora durante toda a minha vida escolar e sempre concentrei meus esforços em independência financeira (a versão pobre do sonho hollywoodiano que é dindim para pagar as contas) e casa própria. Quando ingressei na universidade, morava com minha vó e já havia conquistado a independência financeira fruto do meu trabalho na Prefeitura Municipal de Itaberaba. Decidi morar só, de aluguel, e um ano e meio depois consegui comprar minha casa própria.

No ano de 2017, começaram a acontecer alguns episódios na minha vida pessoal que interferiram na minha vida acadêmica fazendo com que me afastasse das atividades extensionistas do Departamento. Experienciei um relacionamento amoroso conflituoso cujo desenlace desagradável me colocou numa situação tal que por vezes temi pela vida. Em meio a tais questões de cunho amoroso, meu irmão mais novo foi preso. Foram dias turbulentos. Minha mãe não sabia lidar com a situação e a minha avó sofria com a prisão do neto. A mim coube assumir a gestão da situação ajudando a aliviar o fardo das minhas mães (biológica e avó) e apoiar o meu irmão nesse momento difícil. Todo mundo erra, meu irmão cometeu os erros dele e, na condição de irmã, não cabia a mim condená-lo mais uma vez. Fiz o que me foi possível para apoiá-lo e hoje ele vive a sua segunda chance.

As condições de produção da vida vivida nos empurram para decisões que, por vezes, nos afastam dos nossos projetos de vida. Hoje, escrevendo este memorial, me dou conta do meu momento Totonha...

Na reta final do curso, frequentava as aulas apenas com intuito de concluir e já não tinha mais aquela sede de aprender, de buscar o novo, de colaborar. Um desânimo tomou conta de mim e, como consequência, o meu rendimento também, pois a média no curso caiu de 9.3 para 8.5.

Então... No ano de 2017, eu estava cursando o sétimo semestre da licenciatura em Pedagogia e já não era tão participativa nos projetos da Uneb. Naquele ano, recordo, consegui participar apenas da semana de pedagogia, que tinha como título “SE EU FOSSE EU - Gêneros, Sexualidades e Educação”.

Como já havia escrito o projeto de monografia no 6º semestre, transformei em artigo para apresentar no evento acadêmico. Inscrevi o artigo para apresentação e publicação nos anais do evento. O trabalho, intitulado “A família me deu “régua e compasso”?! Marcas da herança cultural familiar na trajetória de graduandos do DEDC XIII da UNEB, foi aceito e o apresentei. O artigo tinha como objetivo contribuir com as discussões sobre a ação dos sujeitos perante as múltiplas influências sociais no processo de construção das suas trajetórias escolares por meio da experiência de estudantes universitários regularmente matriculados nos cursos de bacharelado e licenciatura do DEDC XIII.

Apresentar esse projeto na Semana de Pedagogia foi importante para, de um lado me lembrar as prioridades do meu projeto pessoal de vida e, por outro, me oportunizar perceber a reação dos participantes do evento em relação às discussões a respeito das análises socioeducativas das trajetórias escolares – tema de interesse pessoal enquanto aspirante a pesquisadora.

Em 2018 concluí todos os semestres do componente curricular sem reprovação. O componente curricular inaugurou a reprovação no meu currículo. Me matriculei no componente nesse e nos três semestres subsequentes. Não conseguia realizar a pesquisa. Não fui capaz de sistematizar o referencial teórico, nem de realizar o levantamento dos estudos semelhantes na UNEB e em outras universidades. Tampouco consegui propor um caminho metodológico para produzir e analisar dados.

Em meio aos problemas pessoais e às demandas familiares, eu não encontrava forças para produzir um trabalho de conclusão de curso. Me faltava

ânimo, não sentia vontade de estudar e quanto mais o tempo passava a sensação de fracasso minava ainda mais as minhas energias.

Meus colegas de turma, um a um, foram concluindo, eu fui ficando para trás e um misto de vergonha, tristeza e sentimento de incompetência me invadia.

Em 2019 meu pai entrou para a minha vida. Ele não me criou e não esteve presente até então. Minha avó Celina sempre foi a minha única referência de mãe e pai. Mas eu tinha um pai que, pelo que sei, desde que me entendo por gente, é alcoolista. Ao me dar conta de que ele estava definhando - mal se alimentava e já não cuidava da própria higiene - resolvi trazê-lo pra morar comigo para assim poder cuidar dele. Hoje ele mora comigo.

Em março de 2020 a crise sanitária provocada pela pandemia da COVID-19 se instalou em todo o mundo e as atividades acadêmicas e administrativas presenciais na UNEB foram suspensas, conforme a Resolução CONSU/UNEB nº 1.406/2020.

Em meio à pandemia, recebi um motivo de força maior pra não desistir. Em vinte de abril de 2020 descobri que estava grávida. A notícia mobilizou em força que jamais imaginei que seria possível e mesmo com todas as dificuldades de uma gestação de mãe solo em meio à pandemia, eu sabia que agora realizaria qualquer coisa que decidisse iniciar.

Heitor chegou ao mundo e junto com ele me trouxe a esperança e vontade de concluir meu curso, por ele, por mim e por minha vó, referência de mulher de mãe e de resiliência.

Hoje Heitor além de ser meu companheiro de vida é, também, meu companheiro de escrita. Em meio às pausas para a mamada ou para os choros querendo atenção e colo, ele segue me fazendo companhia enquanto escrevo. Ver o rosto dele me acalenta e enche de esperança. Voltei a ter foco e objetivos de curto, médio e longo prazo. Retomei o meu projeto de vida, abandonado nos últimos três anos.

Heitor veio para me lembrar o que preciso fazer por mim. Retomei as rédeas de minha vida e tenho consciência da importância, nesse momento, de encerrar esse ciclo de minha vida para iniciar outros.

E a extensão universitária, ainda tem lugar na sua vida e formação?

Oxente!!! Deixa essa pandemia passar que estarei de volta à vida de extensionista e pesquisadora.

Eu e Heitor, o meu companheiro de sabenças.

3 “E PELA LEI NATURAL DOS ENCONTROS EU DEIXO E RECEBO UM TANTO” OU SOBRE SABENÇAS

As linhas a seguir são um esforço reflexivo na produção de tessituras com aspectos da extensão universitária, estudos de trajetórias escolares e relação com o saber de estudantes universitários. Entrelaço os fios na busca pelo aprofundamento do olhar sobre mim, sobre minhas experiências e minhas sabenças ao mesmo tempo em que faço de mim ponte para que outros, também, se pensem. Não tenho pretensões de que esse memorial seja mais que o compartilhamento de experiências enquanto “aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece e, ao nos passar, nos forma e nos transforma.” (BONDÍA, 2002, p. 25-26)

A construção da escolaridade do sujeito e a trajetória na qual se inscreve está atravessada por aspectos sociais, políticos, econômicos e históricos. Cada sujeito pertence a um arranjo familiar no qual a escolarização e os seus títulos possuem um valor marcado pela história (lutas, resistências e conquistas) dessa geração e das anteriores. De maneira análoga, cada sujeito, ao longo da escolarização, faz escolhas – marcadas pelos mesmos atravessamentos - que definem as experiências de aprendizagem que lhe atravessarão. Narrá-las é exercício político posto que

[...] as idéias de biografias, trabalho biográfico, biografização e aprendizagem biográfica emergem e enraízam-se no curso da vida, como uma maneira que representamos a nossa existência e como contamos para nós mesmos e para os outros, em estreita relação com a história e a cultura. (SOUZA, 2008, p. 39)

São as interações humanas que estão na base das trajetórias escolares, das memórias e, portanto, desse trabalho. Nada mais “natural” nos encontros entre humanos que as traças, quer sejam assumidas ou não. As aprendizagens, entendo, ocorrem em todos os espaços onde há interação entre humanos e, neste caso,

podem ser entendidos como intrinsecamente educativos. Aqui, os encontros que compõem uma trajetória escolar e as sabenças deles oriunda, têm centralidade. Aqui, assume-se a compreensão de trajetória de Nogueira e Fortes (2004) de quem “a noção de trajetória escolar diz respeito, então, aos percursos diferenciados que os indivíduos ou grupos de indivíduos realizam no interior dos sistemas de ensino.” (p. 59).

O meu interesse pelo tema surge no quarto semestre da graduação em Pedagogia (segundo semestre do ano de 2015) através do componente curricular Tópicos Educacionais na Contemporaneidade (TEC-I) no qual o tema de trabalho foram as Trajetórias Escolares. Com o estudo das trajetórias escolares pude compreender o quanto é importante entender que o percurso escolar dos sujeitos é multifatorial e que a pesquisa sobre o tema pode revelar aspectos microsociológicos relevantes para o desvelamento do fenômeno educacional.

Quando se fala de trajetórias escolares, o “ponto” em questão é o aluno e o espaço de referência é o sistema de ensino. Trata-se, em primeiro lugar, de se caracterizar a direção tomada, a distância percorrida e o tempo gasto por diferentes alunos para a realização de seus percursos escolares dentro do sistema de ensino. (NOGUEIRA; FORTES, 2004, p. 59)

O componente possibilitou o processo de autoanálise da trajetória escolar dos graduandos e, em função disto, o reconhecimento das relações de poder e dominação presentes na história de escolarização de cada um. As atividades desenvolvidas no âmbito do componente curricular coadunam a perspectiva de SANTOS (2016), para quem “o percurso escolar atravessado pela história das pessoas converte-se em trajetória escolar. A compreensão da trajetória escolar como parte de um projeto de escolarização” (p. 359)

A vivência no componente curricular me permitiu produzir sistematizações do percurso escolar que auxiliaram, sobremaneira, a reconstrução da trajetória de formação: Reconstrução do percurso escolar (formação acadêmica e cursos livres); Análise das atividades de extensão à luz das áreas temáticas e linhas de Extensão.

No Brasil os estudos acerca de trajetórias escolares vêm se ampliando na última década e as investigações feitas ao longo de tempo têm contribuído para a

compreensão da complexa, e ainda pouco privilegiada nas pesquisas brasileiras, relação família-escola.

O estudo empírico das trajetórias escolares permite estudar e aprender, por meio dos homens e mulheres que se dispuserem a contribuir com esta pesquisa, que estudar é mais que aprovar nas séries, concluir níveis de estudo e obter títulos. Para Nogueira e Fortes (2004) a “[...] noção de trajetória escolar diz respeito aos percursos diferenciados que indivíduos ou grupos de indivíduos realizam no interior dos sistemas de ensino” (p. 59).

As palavras de Maria Araújo, Mônica Gaspar e Maria da Conceição Passegi reverberam em mim e servem de apoio para que eu não me perca na proposta de produção do memorial. Assumo em mim a noção de que

O memorial é um tipo de escrita de si, uma narrativa descritiva e reflexiva sobre uma trajetória de vida e de formação. A grande riqueza da experiência do memorial é compreendida quando o rememorar dos eventos constrói pontes com o presente, criando insights que vão dar lugar a verdadeiras aprendizagens. (ARAÚJO; GASPAR; PASSEGGI, 2011, p. 03)

A escrita e registro de memoriais de formação de professores cada vez mais vêm sendo utilizados como proposto por Passeggi (2006): “um trabalho de conclusão de curso (TCC), escrito por professores em situação de formação, inicial ou continuada, no ensino superior, para fins de obtenção do grau acadêmico” (p. 205). Esse é o caso da presença do memorial como possibilidade de TCC na licenciatura em Pedagogia do DEDC XIII da UNEB.

Ainda na perspectiva do proposto por Passeggi (2006), o que costuma ser denominado como ‘memorial acadêmico’ é, em verdade, uma definição generalizante para narrativas de caráter autobiográfico cuja centralidade está na vida intelectual e acadêmica do narrador. Para a autora, “nas duas modalidades, o narrador-candidato analisa criticamente seu percurso, ressaltando o que foi significativo para sua formação e delinea seu projeto de vida” (p. 205). importa ratificar que no caso do memorial de formação o mesmo deve adequar-se às normas da instituição na qual ele se insere produzido. Pode-se afirmar, portanto, que

[...] o memorial de formação, como relato autobiográfico, como texto que narra experiências pessoais, propicia, inicialmente, a emergência da utilização da primeira pessoa do singular. Também, a necessária articulação entre formação e profissão exige a introdução, nesse relato, de diferentes vozes. O discurso citado apresenta-se, então, como elemento manipulado pelas professoras-alunas para fins de argumentação. (SARTORI, 2017, p. 294)

No contexto da vida acadêmica importa pensar a construção dos saberes relacionados a ela. Para tanto, Bicalho e Souza (2014) me ensinam por meio das noções construídas numa investigação a respeito das "relações com o saber"³ de estudantes universitários, utilizando como referencial a teoria da relação com o saber de Bernard Charlot" (p. 619).

Maria Gabriela Bicalho e Maria Celeste Souza, as pesquisadoras, analisaram as produções dos 400 graduandos de uma universidade privada comunitária de um município do estado de Minas Gerais que participaram voluntariamente do estudo e construíram três polos para "os sentidos atribuídos pelos estudantes à formação universitária" (2014, p. 634). Ei-los: "a busca por um futuro melhor; a transformação das maneiras de ver o mundo e a mobilização em relação ao saber em si" (*Idem*). Percebo, em mim, momentos nos quais estive mais próxima de um ou outro polo. Sou humana e a fixidez não apraz. Me movi pelos polos assim com a minha relação com o saber e as sabenças nascidas dele. O polo "a busca por um futuro melhor" se refere a

[...] formação universitária como o caminho para uma vida melhor, a superação de dificuldades, o reconhecimento no mercado profissional [...] Propomos duas leituras: por um lado, atribuir à formação universitária o sentido de possibilidade de um futuro melhor – para si e também para outras pessoas – é uma forma de valorização desse processo, e pode ser um fator de mobilização dos estudantes em relação a seus estudos [...] pode acontecer uma trajetória universitária *utilitarista*, voltada apenas para a superação de etapas, sem o estabelecimento de relações com o saber da universidade. (BICALHO; SOUZA, 2014, p. 631)

Já o polo "a transformação das maneiras de ver o mundo" trata de como

3 A relação com o saber é o conjunto das relações que um sujeito estabelece com um objeto, um 'conteúdo de pensamento', uma atividade, uma relação interpessoal, um lugar, uma pessoa, uma situação, uma ocasião, uma obrigação, etc., relacionados de alguma forma ao aprender e ao saber – consequentemente, é também relação com a linguagem, relação com o tempo, com a atividade no mundo e sobre o mundo, relação com os outros e relação consigo mesmo, como mais ou menos capaz de aprender tal coisa, em tal situação. (CHARLOT, 2005, p. 45)

[...] o processo da graduação ocasiona uma importante mudança pessoal, de perspectivas, maneiras de ver o mundo, maneiras de estar no mundo e relacionar-se com as pessoas [...] A experiência universitária vista como transformadora das maneiras de ver o mundo, dos horizontes e dos próprios sujeitos é um processo de relação com o saber que ajuda a compreender a importância das aprendizagens ligadas ao desenvolvimento pessoal nos balanços de saber. A atribuição desse sentido à universidade revela que as aprendizagens científicas e profissionais significam para os sujeitos, também, aprendizagens relativas a suas maneiras de ver o mundo, de viver, a seus valores. (BICALHO; SOUZA, 2014, p. 631-632)

Sobre o polo 'mobilização em relação ao saber em si é possível' as pesquisadoras escrevem que

Os sentidos atribuídos à formação universitária estão ligados também à mobilização em relação ao saber tomado como conteúdo intelectual, ou a relação com o saber-objeto [...] os estudantes fazem referência ao prazer, ao desejo de aprender, e o saber aparece como aquilo que o sujeito ama, procura, que dá sentido a sua vida e faz parte de sua identidade [...] o conhecimento ocupa lugar central, é buscado, desejado e parece imprimir sentido à realização do curso de graduação. (BICALHO; SOUZA, 2014, p. 632-633)

O lugar da família na produção de trajetórias escolar me foi apontado por Nogueira e Fortes (2004) para quem tal relação família-escola pode ser estudada na perspectiva genealógica ou na perspectiva da individuação. Para eles

No que diz respeito ao estudo de trajetórias, duas perspectivas teóricas podem ser destacadas: a genealógica, que se refere à história da linhagem familiar e dos projetos elaborados pela família; e a individuação, na qual se considera o indivíduo como ser formado no âmbito social e que é, ao mesmo tempo, dotado de uma subjetividade. (p. 63)

De acordo com Nogueira e Fortes (2004), o âmbito dos estudos genealógicos destaca a tipologia de família definida por Jean Paul Laurens em um estudo realizado na França (1986-1987) com egressos de 13 escolas de engenharia. A tipologia expressa a relação das famílias com a escolarização dos filhos e os seus projetos educacionais. Ei-los:

Laboriosos - “o pai e a mãe são envolvidos no trabalho escolar, o pai supervisiona esse trabalho e é bem informado sobre as direções possíveis de se seguir no sistema de ensino. A mãe é disponível para orientar o filho e possui informações sobre o funcionamento do sistema escolar. Nas famílias desse grupo, em geral, o plano de uma escolarização de nível superior é elaborado tardiamente” (NOGUEIRA; FORTES, 2004, p. 64);

Ambiciosos - Tem como projeto para os filhos os ramos mais nobres do ensino superior. Um número significativo de mães desse grupo trabalha no setor público e tem uma trajetória de ascensão profissional não operária. Nas famílias desse grupo “[...] a mãe se dedica ao trabalho de orientação e acompanhamento escolar do filho, o pai não tem papel de destaque nas tarefas escolares cotidianas, mas estimula o prosseguimento dos estudos nos momentos decisivos” (NOGUEIRA; FORTES, 2004, p.65);

Sortudos - “Se caracteriza por delegar a outros as práticas educativas de sucesso, uma vez que as famílias que o compõem desconhecem o funcionamento da escola secundária e superior. Elas [...] possuem uma característica clássica do comportamento operário que é a de buscar, antes de mais nada, assegurar a sobrevivência profissional. Nesse sentido, a escolarização de nível superior não se apresentou como possibilidade sempre presente nos planos familiares.” (NOGUEIRA; FORTES, 2004, p. 65).

Para além do modelo patriarcal das atribuições femininas e masculinas presentes na descrição dos tipos de família, interessa pensar o lugar do projeto de escolarização dos filhos.

No interior do percurso escolar, considero importante pensar o fluxo e os circuitos da escolarização, posto que evidenciam das condições de produção da educação formal. O fluxo escolar trata da fluência do estudante no interior do sistema de ensino e se expressa por meio da análise da promoção, retenção, evasão e transferência. Será considerado contínuo o fluxo marcado pela promoção. Denomina-se fluxo com intercorrência e hiatos aqueles nos quais estiverem presentes eventos de retenção e evasão.

Os circuitos de escolarização são um constructo teórico cunhado pelo ex-ministro da educação Paulo Renato de Souza, que ocupou o cargo entre os anos de 1995 e 2003. Para Souza (1990/1991), a análise da dependência administrativa onde os estudantes frequentaram os distintos níveis da educação (Ensino Fundamental Séries Iniciais, Ensino fundamental Séries Finais, Ensino Médio, Ensino Superior) define o tipo de circuito formativo realizado. Os circuitos são denominados como virtuoso e vicioso.

No seu conjunto o sistema educacional apresenta uma estrutura de funcionamento dicotômica em que operam dois circuitos: um circuito 'virtuoso' que passa pelas escolas particulares de 1º e 2º graus e pelo sistema público de 3º grau; e um circuito 'vicioso' que opera nas escolas públicas de 1º e 2º graus e na rede de faculdades e universidades particulares de baixa qualidade. (SOUZA, 1990/1991, p. 27)

O ministro que esteve à frente da educação brasileira durante a virada do milênio não considerou a possibilidade de que houvesse pessoas que estudassem única e exclusivamente em escolas públicas. Santos (2016) denominou como 'circuito democrático' o percurso escolar que expressa uma trajetória assegurada pela oferta pública de ensino, em todos os níveis da escolaridade (p. 364)

Produzi uma trajetória escolar iniciada no ano de 1994, no Município de Itaberaba, composta por um circuito formativo do tipo democrático. Frequentei todos os níveis da escolarização em instituições cuja dependência administrativa é pública. Durante o Ensino Fundamental da Educação Básica frequentei unidades escolares públicas municipais. A partir do Ensino Médio passei a estudar em instituições públicas estaduais.

Foi uma escolarização de fluxo contínuo com uma intercorrência de reprovação no 3º ano do Ensino Médio. Houve um hiato de três anos entre o final da Educação Básica e o início do Ensino Superior motivado pelo trabalho e pelas características do projeto de escolarização familiar.

Fui criada por minha Avó que constitui uma família do tipo sortuda, segundo Laurens (*apud* NOGUEIRA; FORTES, 2004). Há que se questionar o termo sortudo – desejo que seja equívoco de tradução. Sorte caso ingresse no ensino superior? Prefiro questionar as condições de produção da vida cotidiana dessas famílias

empobrecidas que não se permitem colocar no horizonte das suas vidas mais que a sobrevivência diária.

Ignoram os meandros do sistema escolar por escolha ou foram expulsos antes que o compreendessem?

Em se tratando do interior da Bahia, o isolamento acadêmico-cultural fruto do mapa de distribuição da oferta de ensino (Séries iniciais do Ensino Fundamental nos recônditos - zona rural e periferias - e Ensino superior nos centros urbanos) não lhes impõe o limite dos próprios sonhos?

Totonhas e Totonhos na França e no Brasil.

Os polos do sentido atribuídos à formação universitária me mostram um início de graduação marcado pela ‘mobilização em relação ao saber em si é possível’ e pela “transformação das maneiras de ver o mundo”. Em especial, os anos de 2015 e 2016 foram marcados por experiências nos quais “[...] o conhecimento ocupa lugar central, é buscado, desejado e parece imprimir sentido à realização do curso de graduação” (BICALHO; SOUZA, 2014, p. 631-632).

As condições de produção da minha vida e os atravessamentos dos âmbitos acadêmico e pessoal fizeram com que as prioridades do estar na vida deslizassem o eixo de sentidos do prazer pelo saber em si para “uma trajetória universitária utilitarista, voltada apenas para a superação de etapas, sem o estabelecimento de relações com o saber da universidade” (BICALHO; SOUZA, 2014, p. 631).

Como sujeita multifacetada e complexa que sou, em meio à dureza da vida, encontrei espaço para produzir uma proposta de pesquisa e apresentá-la em um evento acadêmico.

No decorrer da graduação, redimensionei a relação com os saberes acadêmicos de forma tal que pendulei e deslizei por sobre facetas de mim que, tendo como pano de fundo a crença no estudo como estratégia de fuga da miséria, se permitiram o deleite de vivenciar o desejo de apreender.

Foi na extensão universitária que vive a “experiência universitária vista como transformadora das maneiras de ver o mundo, dos horizontes e dos próprios sujeitos é um processo de relação com o saber que ajuda a compreender a importância das

aprendizagens ligadas ao desenvolvimento pessoal nos balanços de saber. (BICALHO; SOUZA, 2014, p. 632).

Foi na extensão universitária que descobri o saber “como aquilo que o sujeito ama, procura, que dá sentido a sua vida e faz parte de sua identidade” (BICALHO; SOUZA, 2014, p. 632)

Foi na extensão universitária que aprendi a leveza de estar na vida com/para/pelo outro. A extensão universitária desnudou meus olhos semicerrados e me apresentou horizontes de luzes.

4 “E PASSO AOS OLHOS NUS OU VESTIDOS DE LUNETAS, PASSADO PRESENTE PARTICIPO” OU NOTAS SOBRE O QUE VEM A SEGUIR

O memorial de formação “Vou mostrando do que sou e vou sendo o que posso...” é um exercício de autorreflexão da minha experiência estudantil universitária. A escrita de si que o compõe está embasada nas minhas memórias de escolarização e lucubra a respeito de tessituras de si por meio dos atravessamentos de experiências da extensão universitária no ensino superior.

Orientada pelas sabenças de Luiz Galvão e Moraes Moreira, joguei o corpo no mundo produzindo uma trajetória formativa encharcada de vida; deixei e recebi afetos e afetações, questioneei a mim, aos pesquisadores e às noções que nos ajudam a entender o que e quem somos... aprendi e ensinei. Mais que tudo, na teia da memória sobre o que se deseja esquecido, que dói ser dito e que ao mesmo tempo precisa ser brado lembrado, escrevivi.

A extensão universitária me ensinou que a universidade não dá régua ou compasso – não precisamos de instrumentos inflexíveis para medir as interações humanas e suas acontecências.

A extensão universitária me atravessou em vida para ensinar redes de afetividade, abraços de solidariedade; mãos que sustentam o passo, o pulo e a queda; corpos dissidentes que se fazem ponte entre um passado que se desconstrói na prática social do presente fundando um partícipio futuro.

Mistérios visíveis ao nu dos olhos.



REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria de Fátima; GASPAR, Mônica Maria Gadêlha de Souza; PASSEGI, Maria da Conceição. Memorial – Gênero textual (Auto) biográfico. *In: Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, Volume 3, Número 1, 2013, Uberlândia: ANAIS do VI SIGET – Anais do SILEL. Uberlândia: MG, EDUFU, UFRN, 2013. ISBN 978-85-7273-796-8.*

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens.** 13ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BICALHO, Maria Gabriela Parenti; SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes. Relação com o saber de estudantes universitários: aprendizagens e processos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 617-635, jul./set. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v40n3/aop1424.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2021.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Salvador, n. 19, p. 20-28, 2002.

BRASIL. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018.** Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014-2024 e dá outras providências. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 07 jul. 2021.

CHARLOT, Bernard. (Org.). **Relação com o saber, formação dos Professores e globalização: questões para a educação hoje.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escrevivência em dupla face. *In: MOREIRA, Nadilza Marti ns de Barros; SCHNEIDER, Liane (orgs). Mulheres no Mundo - etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Idéia/Editora Universitária, 2005.*

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS, 2012, Manaus. **FORPROEX.** Manaus: Imprensa Universitária, 2012.

FREIRE, Marcelino. **Contos negreiros.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos: para que?.** São Paulo: Cortez, 2002.

MISTÉRIO do Planeta. Intérprete: Moraes Moreira. Compositores: Luiz Galvão e Moraes Moreira. *In: ACABOU Chorare.* Intérprete: Novos Baianos. Salvador: Gravadora Som Livre, 1972. 1 disco de vinil, lado B, faixa 1.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; FORTES, Maria de Fátima Ansaloni. A importância dos estudos sobre trajetórias escolares na Sociologia da Educação contemporânea. **Revista Paidéia**, Belo Horizonte, Ano III, nº 2. 2004. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/paideia/article/view/1339/910>. Acesso em: 03 jul. 2021.

NÓVOA, Antonio. **Vidas de professores**. 2ª ed. Porto: Porto Editora Ltda, 1995.
PASSEGGI Maria da Conceição. A formação do formador na abordagem autobiográfica: a experiência dos memoriais de formação. *In*: SOUZA, Elizeu C; ABRAHÃO, Maria Helena B. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. 1ª ed. Porto Alegre/Salvador: EDIPUCRS/EDUNEB, 2006, p. 203-218.

SANTOS, Dina Maria Rosário. Territórios existenciais e narrativas de trajetórias escolares. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 1, nº 2, mai-ago, p. 356-369, 11, 2016.

SARTORI, A. T. Estilo em memoriais de formação. **Revista da ABRALIN**, Aracaju, v. 7, nº 2, 17 maio 2017, p. 273-298.

SOUZA, Paulo Renato A universidade e a crise da educação Revista da USP, n. 8, p. 27-32, dez./fev. 1990/1991. Disponível em: . Acesso em: 07 jul. 2021.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrytina Venancio Histórias de Vida e formação de professores. Quarttet. Rio de Janeiro. 2008.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Conselho Universitário. **Resolução nº 1.406/2020, de 19 de março de 2020**. Dispõe sobre Plano de Ação para o enfrentamento a pandemia COVID-19, no âmbito da UNEB. Diário Oficial do Estado da Bahia, Salvador, 19 de mar. 2020, Seção I, p. 39.

